

6ª PARTE

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

**DISCURSO PRONUNCIADO POR
ANGELA GUTIÉRREZ EM SOLENIDADE DE SUA
POSSE COMO PRIMEIRA PRESIDENTE DA
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS,
EM 30 DE JANEIRO DE 2019**

Imagino que muitos ou todos aqui presentes recordam o filme, *Oito e meio*, obra clássica do genial cineasta Federico Fellini. Ao assistir a ele, pela primeira vez, em meus verdes anos, causou-me profunda impressão acompanhar as indisfarçáveis angústias do protagonista – um famoso diretor de cinema, *alter-ego* de Fellini, interpretado por Marcello Mastroianni –, que não conseguia decidir por onde nem como iniciar seu novo filme.

Nesses últimos dias de janeiro, em escala bem menos dramática, e em curto tempo, aconteceu-me algo parecido. Acossada por um sem número de ideias, conceitos, histórias, memórias, projetos, textos lidos e textos que escrevera, tudo no entorno da Academia, fiquei parada diante da folha em branco na tela, como o poeta de Machado de Assis diante da folha de papel, na intenção de escrever o “Soneto de Natal”. Lembram o poema? Recorto alguns de seus versos:

Um homem, – era aquela noite amiga-
Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga
Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

Minha situação, porém, era diferente da que descreve Machado: não me faltava inspiração, sofria, ao contrário, o chamado *l'embarras de richesse*, ou a abundância de opções. Pois bem, meditei um pouco e dei asas a um possível diálogo, sugerido pelo soneto, perguntando à folha em branco: Deveria eu apresentar e analisar o conceito de Academia, a partir da origem do nome na Antiga Grécia, quando designava o grupo de estudiosos de filosofia, a Escola de Atenas, que se reunia em torno de Platão, no Jardim de Academos? Acompanharia a trajetória dessa palavra e de suas acepções ao longo dos séculos? Lembraria a *Académie française*, fundada por Richelieu, em 1635, e que se tornaria modelo de tantas outras academias na Europa e, mesmo, no mundo? Recordaria a Academia Real das Ciências de Lisboa, de 1779, modelo a que nossa Academia mais se aproximou em sua primeira fase? Recontaria a História da Academia Cearense, seu pioneirismo no Brasil? Falaria dos primeiros intelectuais que, por inspiração de Guilherme Studart, reuniram-se na intenção de fundar uma Academia no Ceará? Lembraria a importância do intelectual Thomaz Pompeu, escolhido pelo grupo pioneiro para presidir a instituição que seria criada? Recordaria a noite de 15 de agosto de 1895, quando, em sessão magna nos salões da Fênix Caixeiral, a Academia Cearense comemora seu primeiro aniversário? Mas, já escrevi sobre essa noite: “Perante acadêmicos e convidados, Dr. Thomaz Pompeu, presidente da instituição, apresta-se a ler o discurso que escrevera para a solenidade. Um silêncio respeitoso aguarda suas palavras. Lembremos: o orador da noite é ‘o mestre consagrado. *Primus inter pares*’, nas palavras de Teodorico da Costa. Ou, como diria Farias Brito: ‘uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais’”. “Ao longo de sua fala, Dr. Pompeu instaura temas de grande importância para a vida da Academia, muitos ainda vigentes nos dias de hoje: o conceito da missão da Academia

como criadora e difusora de conhecimento e cultura e como espaço de compartilhamento da pesquisa em ciências e em letras; a pertinência da dúvida e do descontentamento como geradores de inovação; o respeito à diferença e à tradição, entre outros.”

Refleti e, mirando a folha em branco na tela, murmurei: Existem Academias que são como catedrais medievais, constroem-se por longos anos... E enquanto se constroem, pedra sobre pedra, “num desenho mágico”, como diria Chico Buarque na pungente canção-poema “Construção”, atravessam tempos de intenso labor e tempos lentos de espera, tempos de incertezas e tempos de esperança e glória.

Talvez valesse a pena, então, apresentar os tempos de construção cultural de nossa Academia, suas fases de dispersão e seus tempos de reconstrução, as já famosas quatro fases de sua vida: iniciadas em 1894, 1922, 1930 e a última, em 1951, a partir de quando a Academia não mais interrompeu suas atividades... Ou falar da fase de nomadismo, chamemos assim, o período em que a Academia não tinha sede e viveu sob vários tetos? Ou, ainda, comentar outro modo de dividir o tempo da Academia, em antes e depois de sua instalação no Palácio da Luz?

A folha, insensível às minhas palavras sobre o passado da Academia, calada estava, calada ficou. Percebi que não se animara com minhas perguntas. Digo-lhe que sem relembrar e conhecer a História, incorre-se em erros ao inventar o futuro. De todo modo, deixo os assuntos das perguntas, lembrando que, felizmente, a História da Academia há muito vem sendo pesquisada e escrita, e esses estudos foram publicados por acadêmicos do passado, como Manoel Albano Amora, Dolor Barreira, Raimundo Girão, e pelos do presente, Sânzio de Azevedo e Murilo Martins, entre os principais. E, além do mais, costumamos expor e analisar textos sobre temas de nossa História em sessões mensais e nas solenes, como as de aniversário

da instituição. Ao apresentar o precioso livro de consulta: *Academia Cearense de Letras, História e Acadêmicos*, publicado em 2013, por nosso Presidente de Honra, José Murilo Martins, o acadêmico Sânzio de Azevedo, considerado nosso maior pesquisador de Literatura Cearense, [ou como dizia minha filha, Angela Laís, nos seus quase dois anos de idade, omaiópequishadôdelitelatulachearenschedumundô, gracinha que aprendeu quando me acompanhava, algumas vezes, em reuniões de Departamento na UFC] pois bem, Sânzio terminou seus comentários ao livro com a seguinte observação: “obra que servirá, doravante, de base a quantos queiram conhecer a Academia Cearense de Letras”. Aliás, é importante ressaltar que Dr. Murilo deixa como maior emblema de sua gestão como presidente da Casa, a ideia e o esforço de reunir, enriquecer e organizar o acervo de memória da instituição, criando o Memorial da Academia.

Neste momento de minha primeira fala como Presidente da Academia Cearense de Letras, dirijo meu olhar para o belo e imenso painel que está diante de mim, intitulado *Abolição dos Escravos*, datado de 1938, e convido os presentes a também o olharem com atenção, não só por ser uma obra do grande artista plástico do Ceará, Raimundo Cela, conhecido no país e mundo afora, por constituir-se em importantíssima peça de arte do acervo de nossa sede e por seu simbolismo com relação à Terra da Luz e ao Palácio da Luz.

Ilumino-a agora para marcar algo que me toca profundamente. Explico-me: Em 1962, em seu discurso de posse, o escritor Eduardo Campos revela-nos: “– Não ajuízo a que ponto corresponderá à verdade a informação de que Alba Valdez está fixada na admirável alegoria que Raimundo Cela, com a sua inspiração de mestre, eternizou no Palácio da Luz. Se lá não está, que clamorosa injustiça! - pois não se poderá admitir que à maior demonstração de nossa capacidade de

reação e amor à liberdade não se tenha, para o nosso testemunho e a nossa reverência, a presença de Alba Valdez.”

Sim, a presença de Alba Valdez nesta sala, como modelo para a personagem alegórica da Liberdade – seja lenda ou fato histórico –, encanta-me e espero que meu encantamento chegue também aos que me ouvem. Lembro-lhes que Alba Valdez foi a primeira mulher a pertencer a nossa Academia, tendo sido convidada única, na reestruturação de 1922. E foi chamada a fazer parte de uma sociedade de homens de Letras, expressão corrente à época, por seus méritos como professora, cronista em jornais de Fortaleza e de outras cidades, por seus livros, por sua luta indormida pela educação e cultura e pelo respeito à dignidade das mulheres. Não creio que Alba imaginasse que, no século XXI ainda perduraria a luta por essas mesmas bandeiras.

Após o falecimento de Thomaz Pompeu em 1929, houve outra reestruturação da ACL, em 1930, e nela, vários acadêmicos de 94 e de 22 não foram incluídos na composição da entidade. E a Academia voltou a ser uma instituição exclusivamente masculina, pois Alba Valdez não mais constava da lista de acadêmicos. Em artigo contundente, que intitulou “De Pé”, publicado no *Jornal do Comércio* de Fortaleza, em 22 de maio de 1930, Alba reclama da descortesia que sofrera e considera que todas suas patrícias, especialmente as que, em suas palavras, “mourejam na seara das letras”, foram também ofendidas. Posteriormente, em 1936, ingressou no Instituto do Ceará, e, no ano seguinte, na Academia Cearense de Letras, cumprindo o lema de nossa Academia, “Forti nihil difficile”, (Aos fortes (ou pertinazes) nada é difícil, divisa de Lord Beaconsfield, proposta por Thomaz Pompeu para a Academia, e até hoje vigente. Que a fortaleza e a inteireza dessa mulher inspirem todos os membros de nossa Casa!

Permito-me contar-lhes uma pequena cena que, de certa forma, explica como e porque eis-me aqui, na Casa de Thomaz Pompeu, como é conhecida a Academia, em homenagem a seu primeiro presidente:

– Angela, por que você até agora não se candidatou a uma vaga na Academia? Perguntou-me um dia, Artur Eduardo Benevides, Presidente da Academia Cearense de Letras e Professor Titular do Departamento de Literatura, a que eu também pertenço. Quando ensaiei alegar que não me sentia à altura dos grandes nomes da Casa, o Poeta me interrompeu:

– Angela, todos os acadêmicos a querem na Academia! E você não quer entrar na Casa de seu bisavô?

O argumento final foi decisivo para que me animasse a candidatar-me à Academia, e também serviu de mote para meu discurso de posse, em que procurei contar minha formação literária entre dois momentos: o da menina de quase cinco anos, despedindo-se da casa, onde nascera, e do retrato de seu bisavô, “vivo no retrato e nas histórias que a menina ouvia, todos os dias, naquela casa”, e a mulher que, entrando na Casa de Thomaz Pompeu, reencontra o mesmo rosto antigo e amigo em outros retratos do bisavô que povoam o Palácio da Luz.

Se à época, meu discurso narra os sonhos da criança imaginativa que adora ouvir histórias que a mãe e o avô contam e que se impressiona com as estantes altas, plenas de livros, da biblioteca do bisavô; a precoce leitora que só solta os livros que o pai escolhe para suas leituras quando chega à última palavra do texto; a mocinha que acompanha o pai, cinemeiro de fino gosto, a salas de cinema e já ousa interpretações próprias dos filmes que assiste; a moça que entra na Universidade e a considera como sua casa, que continua a ler, muito mais do que lhe é exigido e se entristece porque vive em tempos angustiantes do país de boca calada, tempos que perduram por anos e

anos; a mulher jovem que encontra no magistério sua missão e adota uma frase de Guimarães Rosa, pela voz de Riobaldo, como divisa – “Mestre é quem de repente aprende”, pois apreciava em seu ofício a simultaneidade de ensino/aprendizagem como um modo de interagir com alunos e alunas, incentivando-os à visão crítica da literatura e do mundo, à reflexão sobre as questões literárias, à apreciação da literatura em suas relações com outras Artes, com a História, com a vida; a professora que escreve e esconde o que escreve porque tudo lhe parece pequeno diante do imenso talento de seus autores preferidos. Até o dia em que, animada pelo marido, entrega os manuscritos de seu primeiro romance a alguns ex-professores e colegas, Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Horácio Dídimo, Sânzio de Azevedo... e, de repente, transforma-se em escritora, sem descuidar-se da Universidade - em que foi fundadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, que neste ano completa 30 anos, diretora-fundadora do ICA, diretora da Casa de José de Alencar, membro da Administração Superior e do Conselho da Editora -, nem da carreira universitária, cursando mestrado na UFC, doutorado e pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais.

Aqui estou, na Academia, há vinte e um anos. Se já tinha a honra de habitar, desde a juventude, uma casa cultural, a Universidade Federal do Ceará, Casa de Antônio Martins, Filho, há duas décadas recebi, também, honra de habitar a Academia Cearense de Letras Casa de Thomaz Pompeu, e, desde 2013, o Instituto do Ceará, Casa do Barão de Studart.

No ano passado, instada por amigas e amigos da Academia a candidatar-me à presidência da ACL, convidei alguns e algumas colegas, formamos um grupo e lançamos a Chapa Natércia Campos, assim intitulada em homenagem à inesquecível acadêmica, grande ficcionista, autora da famosa obra *A Casa*, mulher bela, inteligente, culta e corajosa.

Nesta solenidade, há alguns momentos, mudando um pouco o ritual da cerimônia, convidei os membros da nova Diretoria para ficarem comigo na frente da mesa de honra para dar-lhes posse, com a intenção de, assim, significar que trabalharemos como grupo, aliás, bem de acordo com o espírito gregário que sempre marcou a vida literária no Ceará, desde o tempo do Outeiros, que se reuniam neste Palácio, na segunda década do século XIX. Contar com essa plêiade, uso aqui, sem medo, a antiga expressão, de acadêmicos e acadêmicas que formam a Diretoria da ACL, a começar pelo vice-presidente Juarez Leitão, continuando com Secretário Geral Flávio Leitão, Secretário Adjunto Batista de Lima, Diretora Financeira Giselda Medeiros, Diretora Cultural Lourdinha Leite Barbosa, Diretora de Publicação Noemi Elisa Aderaldo, Diretora de Comunicação Beatriz Alcântara, Diretor de Patrimônio Linhares Filho, Diretor Jurídico Ernando Uchoa Lima, é garantia de êxito em nossa missão.

Considerando que a Academia é uma construção cultural que se faz ao longo do tempo, lembramos que, para edificá-la, seus fundadores conceberam um projeto de instituição, a partir de modelos já existentes, imprimindo, porém, forte cunho de interesse na Cultura e na Ciência do Ceará. Em quase 125 anos, cada presidente, entre os 16 que me precederam, com apoio das respectivas diretorias e dos demais acadêmicos, deixou seu legado à consolidação da Academia Cearense de Letras.

Em 2 de novembro de 1989, (Vamos comemorar os trinta anos desta data!!), quando a Academia recebe oficialmente sua sede definitiva, o Palácio da Luz, em cerimônia, com a presença do então Governador Tasso Jereissati, o presidente Dr. Cláudio Martins (gestão de 1975-1992), que lutou por essa conquista, sela seu legado à instituição, pois a partir desse momento, a Academia pôde melhor cumprir sua missão precípua: a atuação cultural.

Tendo o Presidente José Augusto Bezerra (em sua gestão de 2013 a 2016), com dedicação ímpar, empreendido o grande projeto de recuperação do Palácio da Luz e sua adaptação às necessidades da Academia, e o Presidente Ubiratan Aguiar, em sua gestão de 2016 a 2017, efetuado a reforma do espaço térreo de nossa sede para instalação do Memorial da Academia, acreditamos que será possível dedicarmo-nos à missão primordial da instituição, a que nos referimos. Ainda há por realizar, é certo, algumas obras menores de ajustes do térreo, assim como providências para segurança dos acervos.

Ao prepararmos a programação cultural para nossa gestão, a Literatura e o Autor Cearense constituirão seu ponto fulcral. Pretendemos ampliar e organizar atividades, que já realizamos eventualmente, como visitas de estudantes ao Palácio da Luz, com explicação da História da ACL e a do Palácio da Luz, com base nos nossos acervos (pinturas, fotos, objetos); incentivar estudos sobre autores cearenses e pesquisa em nossa Biblioteca; promover atividades sobre obras de acadêmicos do passado e do presente; promover encontros com todos os elos da cadeia de produção do livro: do autor a livrarias; incentivar outras atividades não necessariamente de grande porte, como reuniões de clubes de leitores, saraus de poetas, oficinas de criação, exposições; retomar o já renomado Ciclo de Conferências da ACL e sua publicação; organizar e ampliar o acervo de nosso Memorial; assegurar a continuidade da publicação da *Revista da Academia*; aprimorar nosso *site* e a divulgação de nossas atividades, enfim, abrir nossas portas a encontros com a rica cultura cearense e a parcerias com a Secult e a SecultFor, e com outras instituições e entidades culturais e de ensino.

À leitura da lista de algumas das possíveis atividades da Academia em 2019 e 2020, alguém poderá pensar que revelam muito otimismo para os tempos tão sombrios que vivemos! Não, não sou Candide,

personagem de Voltaire, a imaginar que vive no melhor dos mundos possíveis! Ao contrário, sei que atravessamos um período histórico de dificuldades tão graves que a Cultura vem sendo vista, por alguns, como um adorno, um luxo, e não como uma das expressões fundamentais da individualidade e da coletividade, da nacionalidade e da própria humanidade. Evidentemente, nosso poder de realizar não tem a mesma dimensão de nossa capacidade de sonhar. Diz uma expressão italiana que *Dal dire al fare c'è in mezzo il mare*. Mas, se seguirmos a divisa da Academia – Forti nihil difficile – (Benjamin Disraeli) e contarmos com o apoio necessário, poderemos ultrapassar as ondas do increspado *mare magnum* e contribuir para a formação cultural e cidadã, construindo o que Paulo Freire chamava “o historicamente possível”.

Uma palavra de solidariedade aos que sofrem a tragédia de Brumadinho e aos que trabalham para amenizar a dor dos que perderam seus entes amados.

Encerramento da Solenidade:

Antes de encerrar essa sessão nobre, agradeço ao Presidente Ubiratan pelas palavras gentis, aos membros da Mesa e aos convidados, pela presença e a Regina Fiúza, Cláudia Queiroz e Madalena Figueiredo, assim como aos funcionários da casa, Sr. Nunes, Walter e Arteiro, pelo apoio à realização desse evento.

Ao Sistema Verdes Mares, pelas excelentes matérias sobre nossa posse, em televisão, jornal impresso e *on-line*, assim como ao jornal O POVO de hoje, assim como às TVs Assembleia e Ceará e a outras referências e notas na imprensa sobre esta solenidade.

Convido a todos e todas para o coquetel que será servido no Salão Nobre do Palácio, onde a Diretoria receberá os cumprimentos.